



XAVIER DE MAISTRE

VIAGEM À VOLTA  
DO MEU QUARTO

*seguido de*

EXPEDIÇÃO NOCTURNA  
À VOLTA DO MEU QUARTO



*tradução de*

CARLOS SOUSA ALMEIDA

*coordenador da colecção*

CARLOS VAZ MARQUES

LISBOA  
TINTA-DA-CHINA  
M M X V

# ÍNDICE

Circum-navegação

*Pedro Mexia*

7

VIAGEM À VOLTA DO MEU QUARTO

13

EXPEDIÇÃO NOCTURNA  
À VOLTA DO MEU QUARTO

113

Nota biográfica

207

© 2015, Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6A,  
1500-461 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/29/30  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Títulos originais: *Voyage autour de ma chambre / Expédition nocturne autour de ma chambre*  
Publicados originalmente em 1795 e 1825, respectivamente.

Título: *Viagem à Volta do Meu Quarto seguido de Expedição Nocturna à Volta do Meu Quarto*  
Autor: Xavier de Maistre  
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques  
Tradução: Carlos Sousa Almeida  
Revisão e composição: Tinta-da-china  
Capa: Tinta-da-china (Vera Tavares)

1.ª edição: Abril de 2015

ISBN 978-989-671-257-0

Depósito Legal n.º 389 645/15

## CIRCUM-NAVEGAÇÃO

Uma cama, uma mesa, cadeiras, uma poltrona, um espelho, quadros e estampas, uma secretária com gavetas onde há materiais de escrita, uma lareira. Este é o levantamento topológico do país visitado por Xavier de Maistre em 1794. É verdade que não se trata de país nenhum, apenas de um quarto em Turim: mas essa diferença de escala, de natureza, não tem a mínima importância. O autor, fugido do Piemonte depois da sua incorporação no Estado francês, conhecia algum mundo, europeu sobretudo, viajou de balão, e viveria muitos anos emigrado na Rússia; porém, neste textinho que escreveu com uma certa *nonchalance*, De Maistre defende que todas as viagens são viagens interiores, exílios íntimos. De modo que o nosso quarto ou os continentes longínquos não diferem assim tanto, são motivos igualmente válidos de descoberta, de aventura, de abismo.

*Viagem à Volta do Meu Quarto* anda, sem dúvida, em redor dessa divisão de uma casa, porque De Maistre, que tinha abraçado a carreira militar, estava em prisão domiciliária, depois de se ter metido num duelo; mas é um «à volta» forçosamente escasso, porque o local se atravessa em algumas passadas e se descreve em dez linhas. Parodiando as viagens de Magalhães ou Cook, o nosso detido regista a «latitude», o «perímetro», a orientação e a disposição do quarto, com se fosse uma ilha selvagem e desconhecida. Vai mesmo ao ponto de dizer que aquele quarto com uns poucos móveis é maravilhoso, opulento.

Mas estes gracejos têm muito a ver com o carácter indolente, diletante e leviano deste homem, descendente da aristocracia de toga. A menção a um «roupão de viagem» acentua o contraste entre as dificuldades do «verdadeiro» viajante e as comodidades de quem fica em casa, ainda que forçado.

Uma das estratégias lúdicas de De Maistre consiste aliás em dizer que está retido contra a sua vontade mas que *sempre quis fazer essa experiência*, um interlúdio monacal numa vida atribulada. Quer, por isso, convencer-nos de que a detenção é uma bênção, porque o protege da maldade humana, da *coquetterie* das amantes, daquilo a que chama a «tirania» da Revolução Francesa. Um quarto é um refúgio, uma viagem ao alcance de todos aqueles que têm um tecto. É um país imaginário, embora verdadeiro, no qual somos livres, mesmo estando presos. O quarto é o mundo do «eu», e o «eu» faz mais viagens do que Marco Polo, na medida em que o espírito chega ao universo inteiro, vai aonde quer e aonde não suspeitava, levado pela imaginação. Em vez dos exotismos e orientalismos de tantos textos românticos, Xavier de Maistre procura um mundo pessoal e talvez intransmissível, um mundo que é só dele, e que ele procura fechado num quarto, como outros procurarão através de estupefacientes ou de outros paraísos artificiais.

Joseph de Maistre, irmão de Xavier e o mais importante doutrinador do «pensamento reaccionário», publicou a *Viagem* em Lausanne, em 1795. Xavier, autor de uns quantos opúsculos e narrativas, nunca se levou demasiado a sério como escritor, mas Joseph percebeu o alcance literário e, porventura, filosófico, da *Viagem*. Não se tratava apenas de mais um texto de um emigrado, nostálgico ou ressentido, mas da invenção de uma pátria. Xavier confessa que o governo da França do seu tempo faz com que ele se sinta apátrida, e que considere como sua pátria o lugar onde está ou que vai inventando. E Joseph, num

prefácio aos textos do irmão, elogia essa viagem imóvel dentro da consciência, maior do que todas, e além do mais irrepetível, porque tudo muda, o espaço, o eu, o pensamento, de modo que não há 42 dias em volta de um quarto que sejam iguais. Trata-se, escreveu Joseph, da circum-navegação de um mundo em mudança, de um mundo sempre diferente.

O inesperado sucesso da *Viagem* levou Xavier a escrever uma continuação, desta vez uma «expedição nocturna», que só seria publicada décadas mais tarde, em 1825. A sequelagem mostra que a viagem é de facto irrepetível. Os 42 dias de Turim, contados em quarenta e dois capítulos curtos, numerados como se se tratasse de um diário, tinham uma certa leveza. Xavier estava acompanhado de um criado e de uma cadela, que lhe davam «lições de filosofia e humanidade»; meditava, em registo talvez faceto, sobre o dualismo corpo/alma; comentava a pintura de Rafael; discutia os livros que tinha consigo, de Homero a Goethe; ouvia diálogos fantasmagóricos entre atenienses ilustres; e usava uma série de estratégias irónicas, aprendidas em Sterne, das digressões inúteis aos suspenses sem suspense, das intervenções tipográficas ao diálogo com o leitor. Às vezes sentia-se magoado com uma recordação da terra natal ou da família, com um amigo falecido, com a infância longínqua, mas logo pedia que saltássemos ou rasgássemos esses capítulos tristonhos, contrários ao seu feitio.

A *Expedição Nocturna à Volta do Meu Quarto* é um texto mais introspectivo e escuro, mais nocturno, justamente. Agora o viajante já não tem companhia, o seu estado de espírito é menos vivaz, e nem um devaneio imaginário com uma vizinha (feito de coisa nenhuma, subtilíssimo, esplêndido) atenua o clima de «saudade, desejos e inquietude». Mais do que «o quarto» sobressai agora «a noite», física e metafísica, as estrelas e constelações que iluminam o «eu» com truísmos melancólicos

e interrogações irresponsáveis sobre a mortalidade, a imensidão, o infinito, como no famoso poema de Leopardi. Por isso, a *Expedição Nocturna* é quase um sonho contínuo, ou uma noite de insónia, onde o que conta está além da janela, na própria espessura do tempo: «Eis pois [...] um dia da minha vida que acaba; e apesar de as vibrações decrescentes do som do bronze meressoarem ainda nos ouvidos, a parte da minha viagem que precedeu a meia-noite está já tão longe de mim como a viagem de Ulisses ou a de Jasão. Neste abismo do passado, os instantes e os séculos têm a mesma duração; e o futuro, tem mais realidade?» São dois nada entre os quais me encontro em equilíbrio, como sobre o fio de uma lâmina. Na verdade, o tempo parece-me algo tão inconcebível, que quase sou tentado a crer que não existe realmente e que aquilo que assim chamamos não é outra coisa que um castigo do pensamento.»

Por causa de Garrett, que nas suas *Viagens* invoca De Maistre, pensamos na *Viagem* como um texto lúdico, que tem desenvolvimentos imprevistos na literatura francesa, chegando até Péric, que se sentou durante três dias numa praça de Paris e registou uma *Tentative d'épuisement d'un lieu parisien* (1975). Mas De Maistre também foi visto como um discípulo do *Tristram Shandy* e da *Viagem Sentimental*, também se assemelha ao confessionalismo de Constant, e até o *nouveau roman* usou técnicas de descrição que tornavam os objectos quase-personagens. Haverá aqui evidências, acasos, e hipóteses improváveis. O que é inegável é que estes dois escritos de De Maistre parecem dialogar com a famosa sentença de Pascal, que diz que toda a infelicidade dos homens resulta de não ficarmos quietos no nosso quarto. Só que um quarto não é um quarto, Turim não é Turim, a noite não é a noite. As viagens de Xavier de Maistre, como lembrou o seu irmão, são circum-navegações, mais sérias e consequentes do que possam parecer àqueles que se

detenham no paradoxo cómico da viagem imóvel. Quanto à felicidade ou infelicidade das viagens num quarto, quem decide isso? Que cada um faça a sua, com estes textos, e depois sem eles.

PEDRO MEXIA

VIAGEM  
À VOLTA  
DO MEU  
QUARTO

## CAPÍTULO I

Que glorioso é iniciar uma nova carreira, e aparecer de repente no mundo erudito, com um livro de descobertas na mão, tal um cometa inesperado brilhando no espaço!

Não, não mais guardarei o meu livro *in petto*; ei-lo, senhores, lede-o. Comecei e terminei uma viagem de quarenta e dois dias à volta do meu quarto. As observações interessantes que fiz, e o prazer contínuo que experimentei ao longo do caminho, levaram-me a desejar torná-la pública; a certeza de ser útil fez com que tomasse esta decisão. O meu coração sente um contentamento inexprimível quando penso no número infinito de infelizes a quem ofereço um meio seguro contra o tédio e um alívio para os males de que padecem. O prazer que se sente ao viajar no próprio quarto está ao abrigo da inveja inquieta dos homens; é independente da fortuna.

Terá uma pessoa de ser realmente assaz infeliz, assaz abandonada, para não ter um reduto onde possa recolher-se e esconder-se de toda a gente? Aqui estão todos os preparativos da viagem.

Estou certo de que todo o homem sensato adoptará o meu sistema, seja qual for o seu carácter, tenha ele o temperamento que tiver; seja ele avaro ou pródigo, rico ou pobre, jovem ou velho, nascido em região tórrida ou junto ao pólo, pode viajar como eu; enfim, na imensa família dos homens que pululam à superfície da terra, não há um só — um só que seja (entenda-se, daqueles que habitam quartos) que possa, depois de ter



lido este livro, recusar-se a aprovar a nova maneira de viajar que apresento ao mundo.

## CAPÍTULO II

**P**oderia começar o elogio da minha viagem dizendo que não me custou nada; este ponto merece atenção. Ei-lo enaltecido à partida, festejado por gente de fortuna medíocre; mas há uma outra classe de homens junto da qual é ainda mais garantido ter bom êxito, precisamente por não custar nada. — Junto de quem, então? Pois quê! quereis saber? Junto dos ricos. Ademais, haverá motivo para que esta maneira de viajar não sirva aos doentes? Estes não terão de recear a intempérie do ar e das estações. — Para os medrosos, ficarão ao abrigo dos ladrões; não encontrarão nem precipícios nem barocas. Milhares de pessoas que antes de mim não tinham ousado, outras que não haviam podido, outras enfim que nem mesmo tinham sonhado viajar, vão decidir-se com o meu exemplo. Hesitará o ser mais indolente em pôr-se a caminho comigo para alcançar um prazer que não lhe custará nem esforço nem dinheiro? — Vamos, coragem, partamos. — Acompanhai-me, todos vós que uma mortificação de amor, uma negligência de amizade retêm nos vossos aposentos, longe da pequenez e da perfídia dos homens. Que todos os infelizes, doentes e enfasiados do universo me acompanhem! — Que todos os preguiçosos se levantem em *massa*! — E vós que revolveis no espírito projectos funestos de reforma ou de aposentação por uma infidelidade qualquer; vós que, numa saleta, renunciáis ao mundo por causa da vida; amáveis anacoretas de uma noite, vinde também: acreditai

em mim, abandonai essas ideias negras; perdeis um instante pelo prazer sem outro ganhar pela sabedoria: dignai-vos a acompanhar-me na viagem; caminharemos por pequenas etapas, rindo, ao longo do percurso, dos viajantes que viram Roma e Paris; — nenhum obstáculo poderá deter-nos; e, entregando-nos alegremente à imaginação, segui-la-emos por todo o lado onde lhe aprouver conduzir-nos.

## CAPÍTULO III

Há tantas pessoas curiosas no mundo! — Estou convencido de que queriam saber por que razão a viagem à volta do meu quarto durou quarenta e dois em vez de quarenta e três dias, ou qualquer outro intervalo de tempo; mas como poderia informar o leitor se eu próprio o desconheço? O que posso asseverar é que, se em sua opinião a obra é demasiado longa, não dependeu de mim torná-la mais curta; vaidade de todo o viajante à parte, ter-me-ia contentado com um capítulo. Encontrava-me, é certo, no meu quarto com todo o prazer e agrado possível; mas, ai de mim! não era senhor de sair dele à minha vontade; creio até que, sem a intervenção de certas pessoas poderosas que por mim se interessavam, e pelas quais o meu reconhecimento não se extinguiu, teria tido todo o tempo de publicar um *in folio*, de tal modo estavam a meu favor os protectores que me faziam viajar no quarto!

Não obstante, leitor sensato, veja como esses homens não tinham razão; e compreenda bem, se puder, a lógica que vou expor.

Há algo de mais natural e justo do que desentender-se com alguém que vos pisa inadvertidamente, ou que deixa escapar uma palavra mordaz num momento de impaciência causada pela vossa imprudência, ou que tem a infelicidade de agradar à vossa amante?

Vai-se a um prado, e aí, como Nicole fazia com o Burguês Fidalgo, tenta-se a quarta logo que ele evita a terça; e para

que a vingança seja garantida e completa, apresenta-se-lhe o peito descoberto, correndo-se o risco de nos fazermos matar pelo inimigo para nos vingarmos dele. — Vê-se que nada é mais consequente, e contudo encontram-se pessoas que desaprovam este louvável costume! Mas o que é tão consequente como tudo o resto é que essas mesmas pessoas que o desaprovam e querem que seja considerado uma falta grave, tratariam ainda pior quem se recusasse a cometê-la. Mais do que um infeliz perdeu a reputação e o emprego para se conciliar com aquele parecer; de modo que, quando por infortúnio se tem aquilo a que se chama *uma pendência*, não faria mal tirar à sorte para saber se devemos acabar com ela segundo as leis ou segundo o costume, e como as leis e o costume são contraditórios, os juízes poderiam também jogar aos dados a respectiva sentença. — E provavelmente também será uma decisão deste género a que haverá que recorrer-se para explicar por que razão, e como, a minha viagem durou precisamente quarenta e dois dias.

## CAPÍTULO IV

O meu quarto situa-se a quarenta e cinco graus de latitude, segundo as medições do padre Beccaria; está orientado no sentido nascente-poente; forma um paralelogramo com trinta e seis passos de perímetro rasando a parede muito de perto. A minha viagem, no entanto, terá maior extensão, visto que irei atravessá-lo amiúde de um lado ao outro, ou então na diagonal, sem seguir regra ou método. — Farei mesmo ziguezagues e todas as linhas possíveis em geometria se houver necessidade. Não gosto das pessoas que são muito donas dos seus passos e das suas ideias e dizem: «Hoje vou fazer três visitas, escrever quatro cartas, acabar este trabalho que comecei.» — A minha alma está generosamente aberta a toda a espécie de ideias, de gostos e de sentimentos; recebe com grande avidez tudo quanto se lhe apresente!... — E por que recusaria ela os prazeres dispersos pelo difícil caminho da vida? São tão raros, tão escassos, que seria preciso ser-se louco para não parar, desviando-se até do caminho, e recolher todos os que estão ao nosso alcance. Não há nada mais atraente, em minha opinião, do que andar no encalço das próprias ideias, tal como o caçador persegue a caça, sem procurar manter um determinado percurso. Além disso, quando viajo no meu quarto, raramente percorro uma linha recta: vou da mesa até um quadro que está colocado a um canto; daí parto em diagonal até à porta; mas ainda que, ao partir, a minha intenção seja a de me dirigir para lá, se encontro a poltrona no caminho não



Viagem  
à volta  
do meu  
quarto

*foi composto em  
caracteres  
Hoefler Text*

*e impresso na  
Rainbo&Neves, Artes  
Gráficas, em papel Coral Book  
de 90 gramas, no mês de Abril  
de 2015.*